



A "maior favela do mundo" tem hoje 350 mil habitantes e o maior mercado consumidor do Distrito Federal

Uma cidade de muitos conflitos

AMÂNDIA COELHO E DAVI EMERICH
da Editoria de Cidade

Ceilândia já é uma cidade adulta e muita gente ainda não se deu conta deste fato. Inicialmente conhecida como a "maior favela do mundo", Ceilândia cresceu, saltou de uma população de 80.000 para 350.000 pessoas, realizou obras de grande vulto de infra-estrutura, consumindo vários bilhões de cruzeiros, definiu rapidamente o seu traçado urbanístico e gerou uma estratificação social complexa, onde se articulam os interesses e os conflitos de todas as classes sociais.

Em 1971, segundo uma pesquisa realizada junto aos moradores do IAPI, abrangendo mais de 80.000 pessoas, constatou-se que 92 por cento ganhava de 0 a 3 salários

mínimos e que 62 por cento percebia no máximo um salário. Esta foi a população que formou Ceilândia, e em seu meio a diferenciação social era simples, formada basicamente por desempregados, trabalhadores e pequenos comerciantes de birosca.

Agora, em 1982, o quadro social da cidade alterou-se profundamente. De acordo com os últimos levantamentos realizados — informa a administradora Maria de Lourdes —, apenas 40 por cento da população percebia de 0 a 3 salários. Os 60 por cento restante da população recebiam acima de 3 salários, sendo que a quantidade de pessoas com alta renda também havia aumentado. Ao

contrário de 1971 e nos primeiros anos subsequentes, atualmente articula-se na Ceilândia uma camada social de elite, com altos rendimentos, ao mesmo tempo em que vão sendo montadas empresas de grande porte, principalmente na área de material de construção civil, serralheria e supermercados.

Maria de Lourdes Abadia Bastos, na esteira destes números e a partir de um estudo que vem realizando, divide Ceilândia em pelo menos quatro setores distintos, todos eles com uma determinada estratificação social. Na primeira fila vêm, segundo ela, as QNNs, que congregam as famílias mais pobres, que

moravam na Vila do IAPI, as quais ainda não conseguiram modificar profundamente suas condições sociais. Logo em seguida, viria o setor P Sul e Norte, composto, em larga escala, por recentes moradores de barracos de fundo de quintal de todo o Distrito Federal e região geoeconômica. Também seriam camadas de baixo poder aquisitivo. Um terceiro setor seria a Ceilândia Norte/Sul, tradicional, que passou a contar com novos moradores em virtude da especulação que adveio com as obras de urbanização. Uma quarta categoria bem definida no plano social, principalmente funcionários públicos, policiais, entre outros, estaria no Setor O.